O PAPEL DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO ENSINO DA CRIMINOLOGIA*

The Role of the University Extension for the teaching of Criminology

FERNANDA BORTOLETTO MARTINATTI
Bacharela pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), e coordenadora adjunta do Grupo de Diálogo Universidade Cárcere e Comunidade (GDUCC).

THALITA A. SANÇÃO TOZI
Mestranda em Direito Penal e Criminologia pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), e coordenadora adjunta do Grupo de Diálogo Universidade Cárcere e Comunidade (GDUCC).

Resumo: O presente trabalho tem a finalidade de refletir sobre os aspectos da extensão universitária e o seu papel no ensino da Criminologia. Para isso, será acessado o olhar de estudantes de direito sobre sua participação em um programa extensão universitária chamado "Grupo de Diálogo Universidade-Cárcere-Comunidade" (GDUCC), vinculado ao Departamento de Direito Penal, Medicina Forense e Criminologia, na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

Palavras-chave: Extensão universitária, ensino, criminologia – GDUCC.

Résumé: Cet étude vise à réfléchir sur les aspects de l'extension universitaire et son rôle dans l'enseignement de la Criminologie. Pour cela, il será accéde le regard des étudiants du droit au sujet de leur participation à un programme de l'extension universitaire appelé "Groupe de Dialogue Université-Prison-Communauté" (GDUCC), qui est dans le cadre du Département du Droit Pénal, Médicine Légale et Criminologie, à la Faculté du Droit de l'Université du São Paulo.

Mots-clés: Extension universitaire – enseignement – criminologie – GDUCC.

* Artigo apresentado no "II Fórum Internacional de Criminologia de Língua Portuguesa. Crime, Justiça e Latinidade: contribuições criminológicas", promovido pela Associação Internacional de Criminologia de Língua Portuguesa - AICLP e realizado nos dias 24 e 25 de novembro de 2015, em Belém do Pará.

Abstract: The present paper aims to reflect on aspects of the university extension and its role in teaching of Criminology. For this will be accessed the view of law students on their participation in the university extension program called "Group of dialogue University-Prison-Community" (GDUCC), linked to the Department of Criminal Law, Forensic Medicine and Criminology at the Faculty of Law of the University of São Paulo.

Keywords: university extension, teaching, Criminology, GDUCC.

1. Introdução

A natureza da disciplina Criminologia é um assunto que incita o debate. Discussões sobre sua classificação como ciência autônoma, ou como apenso do Direito Penal ou das Ciências Sociais geram diferentes configurações mundiais sobre sua organização e a maneira de lecioná-la[1]. Não se busca, neste espaço, aprofundar argumentos ou definir um posicionamento, apenas parte-se do pressuposto de ela ser uma ciência (autônoma ou vinculada) essencialmente interdisciplinar, que se propõe a compreender as variáveis que envolvem o fenômeno delitivo e a punição.

Considera-se basilar que haja uma aproximação entre a academia e a sociedade para efetivar a compreensão da realidade para a qual os estudos criminológicos estão voltados. Desta forma, uma possibilidade de promover o ensino da criminologia nas universidades seria através de projetos de extensão universitária.

Este trabalho se debruçará sobre as características da extensão universitária, partindo de um exemplo concreto de programa realizado na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), o Grupo de Diálogo Universidade-Cárcere-Comunidade (GDUCC).

Após uma abordagem teórica sobre o que se propõe como extensão universitária, e uma breve análise sobre os propósitos e as características do GDUCC, e sua adequação neste contexto, buscou-se verificar empiricamente o alcance das propostas do ideário da extensão universitária através desta atividade de extensão em específico.

Neste intuito, foi dado enfoque ao estudo empírico qualitativo para acessar o olhar de estudantes da Faculdade de Direito da USP que participaram do GDUCC. O que se questiona, fundamentalmente, é se os benefícios com o ensino da criminologia através da extensão universitária, aqui colocados em teoria, são identificados pelos alunos participantes.

2. Contextualização da Extensão Universitária

De acordo com a legislação pátria brasileira, o tripé formado pelo ensino – pesquisa - extensão é diretriz basilar do funcionamento das universidades. Essa indissociabilidade não se

[1] Exemplos de diferentes maneiras de organizar a Criminologia em instituições de ensino: Universidade de São Paulo (Brasil) – curso vinculado ao diploma de Direito Penal; Universidade do Porto (Portugal) – curso autônomo, mas vinculado à Faculdade de Direito; Universidade de Ottawa (Canadá) – curso autônomo, mas vinculado à Faculdade de Ciências Sociais.

restringe a mera deliberação no projeto pedagógico de cada universidade[2], mas sim de preceito expressamente reconhecido na Constituição Federal brasileira, em seu artigo 207[3], e em todo o aparato normativo educacional[4].

Esse reconhecimento da extensão universitária como parte necessária e indispensável do pensar e fazer acadêmicos adveio de um processo gradual de mudança paradigmática do papel social da Universidade e da própria visão imputada ao conhecimento.

O papel atribuído à universidade passou, progressivamente, de um modelo de ensino superior de pura transmissão de conhecimento para um segundo modelo educacional de produção e transmissão do saber científico, no qual se uniu o ensino e a pesquisa. A maior parte do conhecimento gerado era, entretanto, descolado da realidade cotidiana e dos reais anseios da sociedade. Nas palavras de BOAVENTURA SOUZA SANTOS (2005, PG. 28), "*o conhecimento universitário (...) foi, ao longo do século XX, um conhecimento predominantemente disciplinar, cuja autonomia impôs um processo de produção relativamente descontextualizado em relação às premências do quotidiano das sociedades*". Surge, então, uma terceira tendência, sugerida por PEREIRA JÚNIOR (2005), de um conhecimento científico em permanente diálogo com as demandas sociais. Tal conhecimento característico do século XXI é, ainda nas palavras de SANTOS (2005), um conhecimento *transdisciplinar* que, pela sua própria contextualização, obriga a um diálogo ou confronto com outros tipos de conhecimento.

A partir disso, a universidade, especialmente a pública, passou a ser vista como parte integrante e a serviço da sociedade. Diz-se "integrante da sociedade" por se tratarem de espaços de participação e cidadania; e a "serviço da sociedade", no sentido de a Universidade estar comprometida com o bem comum, tornando-se um polo de produção de conhecimento para o desenvolvimento da coletividade.

Dentro deste contexto, nota-se ser crescente o protagonismo da extensão universitária como forma de alcançar tal intento democrático. A extensão universitária assume seu papel como terceiro elemento do tripé acadêmico, a concretizar a aproximação entre a universidade e a sociedade, viabilizando a inserção de uma em outra.

A extensão universitária, entretanto, transcende a mera inter-relação da Universidade com a sociedade, permitindo que a relação se intensifique e também se renove, impactando e transformando a realidade social. Frise-se que essa transformação social abarca igualmente a realidade social, que deve ser afetada positivamente pela Universidade, bem como a própria Universidade que também deve sofrer um impacto, sendo transformada e oxigenada a partir do contato com a sociedade. Trata-se de uma via de mão dupla, na qual se favorece a troca entre os conhecimentos universitários e os comunitários. Na extensão, o saber acadêmico e o saber popular interagem de maneira dialógica, superando-se, assim, o discurso da hegemonia

---

[2] No caso específico da Universidade de São Paulo, ambiente no qual se dá o presente estudo, está previsto em seu projeto pedagógico, dentre seus objetivos, "*desenvolver um ensino vivo, acompanhando as transformações na área de conhecimento e mantendo-se em permanente diálogo com a sociedade, numa produtiva integração entre o ensino, a pesquisa e a extensão*". (disponível em: «http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2006/jusp754/pag02.htm», acessado em novembro de 2015.)

[3] Art. 207. Constituição Federal. *As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.*

[4] Art. 43. (Lei de Diretrizes e Bases. Lei 9.394/96): *A educação superior tem por finalidade: (...) VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição*

acadêmica e substituindo-o pela produção de um conhecimento novo e transdisciplinar, em interação com a sociedade. Em seu livro "Extensão ou Comunicação?"[5], Paulo Freire defende a extensão precisamente como uma situação educativa, em que educadores e educandos assumem o papel de sujeitos cognoscentes, mediatizados pelo objeto que desejam ambos conhecer. O processo de extensão deve, assim, ser essencialmente dialógico, sob pena de figurar-se como mera dominação cultural.

Esse exercício proposto pela extensão acaba por ter um grande impacto na formação do estudante na medida em que provoca vivências práticas que ampliam sua visão de mundo. A ideia é que, a partir do contato com a realidade social, haja a formação de profissionais mais críticos e compromissados com a justiça social, solidariedade e cidadania[6].

Dessa forma, agregando tais ideais, a definição expressa no *Plano Nacional de Extensão Universitária* (FORPROEX, 2012), formulada no "*I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras*", em 1987, aduz que a extensão universitária pode ser caracterizada como:

> "o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade. A Extensão é uma via de mão dupla, com trânsito assegurado à comunidade académica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento académico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, académico e popular, terá como consequência: a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional; a democratização do conhecimento académico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade. Além de instrumentalizadora desse processo dialético de teoria/prática, a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social."[7]

Nesses termos, a extensão aparece como o instrumento por excelência para o conhecimento produzido *na* e *pela* universidade afaste-se de uma espécie de "*injustiça cognitiva*"[8]. Dessa forma, mais que modelos retirados da universidade e estendidos de forma assistencialista à comunidade, os projetos de extensão devem buscar uma comunicação com os espaços, funcionando como via de mão dupla: leva-se algo aos centros comunitários e, com uso de uma "*escuta sensível*", empoderam-se os sujeitos ao dar-lhes voz para arguir suas

---

5 FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

6 RUMIERI, NBS. O princípio da indissociabilidade de ensino pesquisa e extensão do ponto de vista constitucional. Integração, Ensino, Pesquisa, Extensão 1997; III:146-8.

7 Note-se que deste conceito pode-se extrair alguns dos principais aspectos característicos da extensão que coadunam perfeitamente com as diretrizes adotadas pelo mais recente Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX,2012), reunido em Manaus. As cinco diretrizes estabelecidas permitem elucidar de maneira mais sistemática a caracterização da extensão universitária e os desafios a serem enfrentados quando a academia transcende seus muros e efetivamente vai a campo: a interação dialógica, a interdisciplinariedade e interprofissionalidade, a indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensao; o impacto na formação do estudante e, finalmente, o impacto e a transformação social.

8 Historicamente, o conhecimento científico tornou-se uma forma de conhecimento privilegiado, o que foi cunhado por diversos autores como uma "*injustiça cognitiva*". Estão entre eles: BOAVENTURA SOUZA SANTOS, ESCOBAR, MIGNOLO, MORA-OSEJO E BORDA, VISNATHAN, entre outros. (ANDRADE, 2009).

necessidades e refletir criticamente possíveis soluções para melhoria. Este diálogo enriquece a relação e propicia resultados mais vantajosos para ambos os segmentos (CARDOSO, 2007).

3. Grupo de Diálogo Universidade-Cárcere-Comunidade (GDUCC)

Inserido nesses pressupostos, surge em 2006, no âmbito da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, um projeto de cultura e extensão voltado à criminologia e à execução penal: o Grupo de Diálogo Universidade-Cárcere-Comunidade. O GDUCC proporciona o encontro semanal de membros da comunidade não encarcerada, em sua maior parte universitários, com membros da comunidade encarcerada, dentro de penitenciárias paulistas[9]. Objetiva-se o estabelecimento de um diálogo simétrico e horizontal entre os participantes, no sentido de inexistir hierarquia entre seus membros, suas ideias e seus saberes.

A proposta do GDUCC é a de comprometimento da universidade com a temática prisional, por meio da combinação entre formação teórica e intervenções no cárcere. Visa-se fomentar o diálogo, de sorte que os participantes cresçam e amadureçam *no* diálogo (ALVINO, 2013). Através do diálogo e de uma escuta compreensiva, o GDUCC trabalha com o reencontro de partes historicamente litigantes. Com isso, abre-se a possibilidade de os participantes universitários terem uma experiência sensível da realidade carcerária, possibilitando uma formação de estudantes mais críticos e conscientes desta temática.

Inicialmente, são realizados três encontros na Faculdade de Direito do Largo São Francisco abarcando todos os inscritos, cujo proposito é o de explicar os objetivos do GDUCC e introduzir conhecimentos teóricos por meio de rodas de discussões sobre alguns textos específicos sobre o cárcere. Após esta etapa, vinte participantes são selecionados e ocorrem os encontros semanais dentro do cárcere, momento em que o grupo se completa, encontrando sua outra metade. Interessante notar que apesar de se tratar de um projeto de extensão da Faculdade de Direito da USP, trata-se de uma atividade aberta a quaisquer membros da sociedade (seja ela acadêmica ou não); e, no momento da seleção, há, inclusive, a tentativa de que o grupo formado seja o mais heterogêneo possível. Ou seja, o diálogo com a comunidade inicia-se, muitas vezes, antes dos encontros práticos dentro das unidades penitenciárias, o que contribui para que a proposta do GDUCC se enriqueça a partir de uma visão interdisciplinar de estudantes e profissionais de diferentes áreas.

Nos encontros práticos, lança-se mão da ferramenta de "*dinâmicas de grupo*" como facilitadoras do início do diálogo sobre os mais variados temas, a depender da demanda de cada grupo. Todos são corresponsáveis para que o diálogo flua, sendo que, inclusive, a própria coordenação das atividades é rotativa dentre todos os participantes (presos e não presos), que ficam responsáveis pela elaboração e aplicação das dinâmicas em alguns dos encontros.

O sentimento de unidade do grupo, a horizontalidade e vigilância na autenticidade do dialogar visam resgatar a reintegração social não do preso, mas a reintegração social da relação entre algumas pessoas em situação de privação de liberdade e um segmento da sociedade livre, sob o fluxo de mão dupla:

[9] Em geral, as unidades que participam do GDUCC são: Penitenciária José Parada Neto de Guarulhos; Penitenciária II Desembargador Adriano Marrey de Guarulhos; Penitenciária Feminina de Sant'Ana; e os Centros de Detenção Provisória II e III de Pinheiros.

> "A expectativa é de que os presos tenham experiência de acolhimento por essa sociedade que os rejeitou, seja primariamente, antes do crime, seja secundariamente, em função do crime. A expectativa é que os presos sintam-se ouvidos, compreendidos, tenham uma experiência de reconhecimento de corresponsabilidade por parte do segmento da Academia, e que, em função de tudo isso, também abram-se para ouvir e entender outras formas de leitura e de experiência da realidade." (ALVINO, 2013.PG31)

4. O GDUCC e a extensão universitária à luz dos olhos de participantes

Após esta abordagem teórica, este item apresenta a pesquisa empírica qualitativa que se realizou para aproximar-se dos resultados desta extensão a partir do olhar de estudantes da Faculdade de Direito da USP que participaram do GDUCC.

A metodologia desta pesquisa foi baseada na aplicação de questionários com questões abertas, possibilitando a análise qualitativa das respostas. Frisa-se a não intenção de quantificar ou realizar estatísticas sobre este contexto.

Apesar da participação do GDUCC ser livre a estudantes de diversas áreas e a membros da comunidade em geral, para compor a população desta pesquisa optou-se pelos estudantes da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, em razão do enfoque em analisar a atividade como extensão vinculada a esta instituição. A amostra da pesquisa foi composta ao acaso, a partir dos fatores limitantes do tempo e da voluntariedade dos participantes. Ou seja, o questionário[10] ficou disponível na plataforma *on line* "G*oogleForms"*[11] durante um período de 20 dias, havendo ampla publicidade nos meios de comunicação que reúnem todos os participantes do GDUCC. Foi mantido o anonimato do questionário a fim de buscar a sinceridade plena das respostas. Foram recolhidas 10 respostas dos questionários neste período. Dos 10 participantes, dois foram excluídos da amostra por serem advindos de outras instituições de ensino[12].

4.1. Análise sobre o material colhido empiricamente

Algumas chaves de análise pautaram a construção das questões proposta aos estudantes, são elas: a noção de interdisciplinaridade, de saber popular/acadêmico, de transformação da realidade social, e de aprendizagem em geral. Não foi limitada a definição para cada um desses termos, a fim de contar com a expressão máxima dos participantes.

Ao serem questionados sobre a contribuição para o aprendizado e para a atividade de pesquisa que a experiência proporcionada pelo GDUCC realizou, a maioria dos estudantes relacionou a aprendizagem no sentido de ampliação dos conhecimentos relacionados ao Direito Penal (Execução Penal, Pena Privativa de Liberdade) e à Criminologia, apontando a percepção mais realística da temática, um esclarecimento sobre os conteúdos aprendidos, e ainda, um olhar mais humanizado sobre a temática. Algumas respostas ainda invocaram outras áreas de esclarecimento como Direito Constitucional e Psicologia. Houve uma resposta

[10] Anexo I.

[11] Disponível em «https://www.google.com/forms/about/», acessado em novembro de 2015.

[12] Esta informação foi possível através da questão 08 do questionário, sem desrespeitar o anonimato.

que apontou relação desta experiência como norteadora para escolhas futuras de pesquisa e estudos na vida dos participantes. Neste aspecto percebe-se a clara ligação entre a teoria e a prática com a atividade de extensão. Apesar de não se tratar da prática do exercício profissional proporcionado pelo estágio, por exemplo, tem-se a possibilidade de compreender tantas teorias, princípios e consequências na vida das pessoas que são afetadas.

Questionados sobre a possibilidade de interação entre o saber acadêmico e o saber popular, duas visões foram trazidas nas respostas colhidas. Apesar de todas considerarem a existência da relação, uma parte das respostas colocou o saber acadêmico relacionado à preparação teórica e à leitura de textos preparatórios; enquanto a outra relacionou o saber acadêmico com o saber levado pelos acadêmicos (por sua condição de acadêmico) e o popular pelas contribuições dos indivíduos em situação de privação de liberdade. Houve a simbolização desta interação através da quebra de preconceitos e superação de estereótipos. Independente da maneira como a relação é considerada no imaginário de cada estudante, percebe-se que não houve dúvida sobre a existência de espaço para a troca e construção conjunta. Talvez essa relação seja facilitada por se tratar de uma atividade de extensão que visa à promoção do diálogo (símbolo de troca de saberes).

Sobre a interdisciplinaridade do GDUCC, todas as respostas apontaram para o vislumbre de sua existência. Algumas respostas relacionaram a interdisciplinaridade existente nas diversas áreas da ciência que são associadas, ainda que indiretamente (ciência política, antropologia, psicologia, direito penal, criminologia, sociologia, direitos humanos). Outras a relacionaram com a composição heterogênea das áreas de estudos dos participantes externos.

Tangenciando a possibilidade de contribuição dessa experiência para a formação do estudante, todas as respostas apontaram para uma contribuição positiva, havendo uma que a caracterizou com a palavra "muito". É possível identificar uma padronização no sentido da "sensibilização" que esta experiência acarretou aos estudantes, certo "engrandecimento" do seu ser. Algumas apontaram para uma contribuição pessoal, no sentido de formação de "ser humano"; enquanto outras relacionam a sensibilização com relação ao cárcere e ao direito penal, com a desconstrução de conceitos – associando a contribuições profissionais e acadêmicas.

Sobre a temática do impacto social, todas as respostas consideraram que o GDUCC o produz. Percebe-se a associação deste impacto para a vida das pessoas participantes em situação de privação de liberdade; as respostas trouxeram menção à "oxigenação" das realidades daqueles que se encontram encarcerados (oportunidade de ter contato com pessoas/assuntos diferentes). Outra maneira de interpretação deste impacto seria através da modificação de todos os participantes, tanto externos como internos, derrubando estigmas sociais, passando a reconhecer os indivíduos como iguais. Houve inclusive a ressalva de que esse impacto não seria dado de maneira assistencialista, mas indiretamente através dessas transformações.

Por fim, optou-se por abordar uma questão mais aberta, sobre qual seria o principal ensinamento que o GDUCC teria possibilitado ao estudante. Encontram-se nas respostas: a tolerância, a luta por direitos, a criação de laços de amizade, o amadurecimento, o reconhecimento do privilegio da posição social de nascimento, o poder da escuta, a igualdade entre os indivíduos, a problematização do cárcere, a consciência da essência reativa e crítica do ser humano.

5. Considerações Finais

> "(...) a legitimidade da universidade só será cumprida quando as atividades, hoje ditas de extensão, se aprofundarem tanto que desapareçam enquanto tais e passem a ser parte integrante das atividades de investigação e de ensino." (SANTOS,1997.PG 225).

Essa citação simboliza o movimento de reflexão sobre o modelo de ensino nas universidades. Percebe-se a importância que vem sendo dada à construção e à ampliação de projetos de extensão universitária, para todas e quaisquer áreas.

Sendo a extensão universitária uma ferramenta que se propõe a aproximar e relacionar Academia com a realidade social, ela se mostra ideal para a o ensino da criminologia. Isto, pois, trata-se de uma ciência que busca acessar o contexto delitivo e os indivíduos envolvidos, indo além das leis e reflexões puramente teóricas que os estudos gerais de direito penal se propõem.

Esta constatação teórica foi corroborada através da opinião dos estudantes da Faculdade de Direito da USP que participaram do projeto de extensão universitária em criminologia chamado GDUCC.

O GDUCC toca em uma realidade que se mostrou distante da vida da maioria de seus participantes: o Cárcere. A experiência dialógica que este projeto proporciona aos seus integrantes mostrou reflexões que ultrapassam os limites acadêmicos, vez que se trata de contato humano. O ensino transcende teorias e aparatos normativos, tocando a impressão prática e a realidade social.

Referências Bibliográficas

BARATTA, Alessandro. Por um concepto crítico de reintegración social del condenado. In OLIVEIRA,E. (coord.). *Criminologia Crítica. Fórum Internacional de Criminologia Crítica.* Belém: Cejup.1990.

CARDOSO, Terezinha Maria. *Experiências de ensino, pesquisa e extensão no setor de pedagogia no HIJG*. v. 27, n. 73. Campinas: Cad. Cedes. 2007.

FORPROEX, *Política Nacional de Extensão Universitária*. Manaus, 2012. Disponibilizado em <http://www.renex.org.br/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>, acessado em setembro de 2015.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

MAGNANI, Ivetti. Ensino, pesquisa, extensão e a nova tipologia do ensino superior brasileiro. In: *REUNIÃO ANUAL DA ANPED*, 25., Caxambu, 2002. Anais.Caxambu: ANPEd, 2002. Disponível em: < http://www2.uerj.br/~anped11. >, acessado em novembro de 2015.

PEREIRA JÚNIOR, Alfredo. *A universidade pública e os desafios do desenvolvimento.* La Insígnia: Brasil. 2005.

RUNIERI, Nbs. *O princípio da indissociabilidade de ensino pesquisa e extensão do ponto de vista constitucional. Integração, Ensino, Pesquisa, Extensão.* 1997.

SÁ, Alvino Augusto de (coord.). *GDUCC: uma experiência de integração entre a sociedade e o cárcere*. Brasília: MJ.2013.

SÁ, Alvino Augusto de. *Criminologia clínica e execução penal: proposta de um modelo de terceira geração*. 1. ed. São Paulo-SP: Ed. Revista dos Tribunais, 2011.

SANTOS, Boaventura Sousa. *A Universidade no século XXI.* São Paulo. 2005. Disponível em< http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/auniversidadedosecXXI.pdf>, acessado em novembro de 2015.

SANTOS, Boaventura Sousa. *Pela mão de Alice – O Social e o Político na Pós Modernidade.*4. ed,. São Paulo: Cortez, 1997.

SÁ, Alvino Augusto de. *Criminologia clínica e psicologia criminal*. 3. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2013.

Anexo I

Questionário Aplicado[13]

Pesquisa – GDUCC como extensão Universitária

1. O GDUCC contribuiu, em alguma medida, para seu aprendizado em sala de aula e em atividade de pesquisa? (Responsa Sim/Não e especifique).

2. No âmbito do GDUCC, existe uma interação entre o saber acadêmico e o saber popular? (Responda Sim/Não e justifique).

3. Você considera o GDUCC uma atividade interdisciplinar? (Responda Sim/Não e justifique).

4. O GDUCC contribuiu para a sua formação? Se sim, em que sentido?

5. Você considera que o GDUCC produz algum impacto social? (Responda Sim/ Não e justifique).

6. Você se sentiu em contato com a sociedade? (Sim ou Não)

7. Qual foi o principal ensinamento que o GDUCC te possibilitou?

8. Era estudante da Faculdade de Direito do Largo São Francisco quando participou do GDUCC?

9. Em que semestre da FDUSP participou do GDUCC?

Participou do GDUCC como membro externo da FDUSP? (Se Sim, especifique seu ofício/estudo, e como tomou conhecimento do GDUCC).

[13] Formulário disponível em «http://docs.google.com/forms/d/1ygDmhEnSXQEUrmhSG5u_h-NXDIBmSw7Lz9Eo87Tcapg/viewform?usp=send_form» , acessado em novembro de 2015.

Anexo II

Amostra da pesquisa empírica

1. O GDUCC contribuiu, em alguma medida, para seu aprendizado em sala de aula e em atividades de pesquisa?

A. Sim, no meu caso, possibilitou aguçar a curiosidade e o interesse pelo direito penal.
B. Sim. Eu já participei e participo de grupos de extensão e certamente a experiência do GDUCC é a mais marcante. O GDUCC faz o aluno compreender a realidade que está bem longe da academia, principalmente da São Francisco, e a nortear suas escolhas de pesquisa e estudos.
C. Sim, como primeiranista na Faculdade, a extensão aprofundou e antecipou conteúdos da criminologia crítica.
D. Sim. Pude ter maior clareza em questões de criminologia, execução penal, lei de drogas e direito constitucional. Sem falar em criar empatia com os encarcerados.
E. Sim, através de um maior contato com a realidade carcerária, conseguiu me proporcionar um estudo mais humanizado do direito penal e o contato com tudo aquilo que é estudado em criminologia (como seletividade do sistema penal, etc.).
F. Sim, o GDUCC me fez ver o direito penal pelo lado do acusado, e pude compreender o quão falha é a ideia da pena em regime fechado.
G. Sim, tanto na fase de discussão, com os textos preparatórios, os quais ajudaram em matérias como Psicologia Forense e em um aprendizado maior sobre Criminologia no geral, quanto na fase do diálogo mesmo, através do contato com a realidade do cárcere.
H. Sim, na medida em que ele proporciona acesso a uma situação social que apesar de estar bastante descrita em livros de criminologia/penal, só pode ser entendida quando se tem contato com ela.

2. No âmbito do GDUCC, existe uma interação entre o saber acadêmico e o saber popular?

A. Sim, todos os textos lidos nos encontros iniciais foram fundamentais para facilitar nossa atuação no cárcere ao fazermos as dinâmicas.
B. Sim. Acredito que o GDUCC consegue fazer esse enlace, pois faz as formações com textos antes das visitas aos presídios. Porém, acredito que seria mais efetivo ter visitas aos presídios desde o segundo encontro teórico e depois continuar com um texto diferente por semana dado antes da visita ou em outro dia da semana. Acho que dessa forma o saber acadêmico estaria entrelaçado ao popular que adquirimos principalmente nas dinâmicas em grupo.
C. Sim. Nos encontros do GDUCC o saber popular é intensamente confrontado com o saber acadêmico na medida em que muitos estereótipos e conceitos pré concebidos na nossa sociedade (com relação ao sistema penal brasileiro) são desconstruídos após cada leitura, cada discussão em grupo
D. Sim, tanto no diálogo entre os "de dentro" e os "de fora" como mesmo entre os "acadêmicos": o cárcere é tão distante que nós carregamos diversos pré-conceitos.

E. Sim. Mesmo despido de seu caráter academicista, os integrantes do GDUCC acabam carregando consigo o saber acadêmico mesmo que não o use de forma verticalizada e exercendo a violência pedagógica sobre os outros membros não acadêmicos. O saber popular vem dos próprios encarcerados muitas vezes, ao passo que a presença de membros da comunidade nem sempre é paritário com a quantidade de membros da universidade.
F. Creio que a interação que tem é entre nós, que somos o 'saber acadêmico' e os encarcerados, que são o 'saber popular'
G. Sim, acredito que haja essa relação, uma vez que o saber acadêmico serve de ferramenta para alcançar o saber popular e vice versa. Acho que excluir essa relação ou não vê-la prejudica a aquisição de conhecimento.
H. Com certeza. O que o ocorre é a complementação de um pelo outro.

3. Você considera o GDUCC uma atividade interdisciplinar?

A. Sim, com certeza, a participação de colegas de diversos cursos no grupo ajuda a diversificar o discurso e proporciona maior aprendizado dentro do grupo. Além de facilitar na interação com os de dentro da prisão.
B. Sim. Certamente relaciona temas como Ciência política, Antropologia, Psicologia, Direito Penal, Criminologia e muitos outros!
C. Sim. O GDUCC trata de assuntos não só concernentes ao Direito, mas também à Sociologia, à Psicologia, dentre outros ramos do conhecimento.
D. Sim, embora essa interdisciplinaridade possa ser ainda maior. No grupo havia algumas pessoas da psicologia (a exemplo do Alvino), das sociais e do serviço social.
E. Apesar de ser muito mais voltado para o âmbito penal, pode-se considerá-lo como uma atividade interdisciplinar uma vez que trata também de psicologia, direitos humanos, etc.
F. Sim, ele associa o direito penal, a psicologia, a criminologia, etc.
G. Sim, pois através dele, conseguimos evoluir tanto academicamente, através do ganho de conhecimento no âmbito Penal e psicológico, tanto humanamente, através do tão importante diálogo.
H. Sim, pois ele permite várias camadas de leitura (jurídica, sociológica, psicológica, etc.)

4. O GDUCC contribuiu para sua formação? Se sim, em que sentido?

A. Sim, com certeza, o GDUCC é uma verdadeira troca de experiências e mesmo se não for trabalhar com direito penal, sei que o grupo está sendo fundamental para minha formação pessoal e profissional ao facilitar o diálogo com um setor marginalizado da população.
B. O GDUCC me fez perceber o interesse na militância pelos Direitos Humanos e temas que relacionam a violência e desigualdade, assim, pretendo fazer Iniciação Científica no próximo ano e também atuar nessa temática na medida do possível depois da faculdade.
C. Sim. O GDUCC desconstruiu a imagem que eu tinha a respeito do sistema penal brasileiro, a imagem do encarcerado , a imagem da sociedade perante isso . O GDUCC me permitiu entender o que de fato acontece no sistema carcerário, as relações de poder e dominação dentro do cárcere e os reflexos disso no nosso dia a dia

D. Sem dúvidas. Hoje entendo melhor o que é o cárcere, posso compreender seus efeitos nas pessoas, nos familiares e nos operadores do direito.
E. Sim. Foi uma das experiências de maior retorno na minha formação enquanto aluno. É uma extensão que coloca os alunos elitizados da faculdade pública em contato com uma realidade diferente daquela com a qual ele está acostumado. Traz um engrandecimento enquanto pessoa, e um engrandecimento enquanto profissional, uma vez que leva os operadores do direito a repensarem o seu papel, e a exercerem a profissão de maneira mais humanizada.
F. Muito. Consegui abrir minha mente para a questão do cárcere e dos acusados/condenados.
G. Sim, GDUCC contribuiu e vem contribuindo para minha formação. Acredito que, se eu não tivesse tido essa experiência, seria uma pessoa diferente, no mau sentido, uma vez que o GDUCC me auxiliou tanto pessoalmente, quando intelectualmente.
H. Sim, pela noção de exclusão social a que um preso está submetido.

5. Você considera que o GDUCC produz algum impacto social?

A. Sim, com certeza, como já fora muitas vezes reiterado pelos presos, eles estão saturados da vida aprisionados e o GDUCC é a oportunidade de terem contato com pessoas de fora do cárcere, dialogar e colocar para fora o que eles estão sentindo.
B. De pequeno alcance sim, ele pode mudar aqueles sujeitos sociais que estão inseridos no crime. Levar o "oxigênio" para os presídios pode fazer com que aquelas pessoas mudem de perspectiva e possam encarar melhor os preconceitos que estarão sempre ao seu redor.
C. Sim. O GDUC , na medida em que modifica as pessoas de alguma forma, seja por meio do debate, seja por meio do contato direto com o cárcere, causa um grande impacto social
D. Sim, mas indiretamente. Na medida em que profissionais tomam contato com essa realidade é impossível que saiam indiferentes a ela. Porém, não vejo o GDUCC como um assistencialista ou algo do tipo e nem acredito que seja sua finalidade.
E. Sim, tanto para os alunos e comunidade quanto para os presos. É uma extensão que ajuda a derrubar os estigmas sociais que rondam o cárcere e os encarcerados. Contribui para a desconstrução de um ideário preconceituoso e marginalizador da figura do encarcerado.
F. Sim! A gente passa a ver os encarcerados de outro modo, como iguais, e isso faz toda a diferença, porque passamos essa ideia adiante.
G. Com certeza, e algo que mostra concretamente esse impacto social é o próprio feedback que temos durante os diálogos. Parafraseando uma detenta com a qual tive contato, "se pra vocês é importante esse dia da semana e essa conversa, imagina para nós, perdemos a liberdade, mas ganhamos vocês".
H. Sim, por trazer pra dentro do presidio questionamentos que muitas vezes não "entram" para os presos.

6. Você sentiu que estava em contato com a sociedade?

A. Sim
B. Sim

C. Sim
D. Não
E. Sim
F. Sim
G. Sim
H. Sim

7. Qual foi o principal ensinamento que o GDUCC te possibilitou?

A. Primordialmente, a tolerância, com o GDUCC passei a compreender uma realidade que até então parecia está muito distante da minha.
B. Foram muitos, dificilmente eu conseguiria listar e me emociono muito só de lembrar. O principal ensinamento foi de estudar na luta por Direitos e compreender que laços de amizade são criados e às vezes não são para sempre, pois lá criamos grandes amigos por poucas semanas e depois nunca mais teremos contato com eles. É realmente muito difícil.
C. O GDUCC me possibilitou amadurecer enquanto aluna, cidadã e, principalmente , ser humano.
D. Que a indiferença é uma forma de violência e que a escuta é um tipo de cura.
E. Que sou privilegiado por ter nascido na posição social em que nasci.
F. A enxergar todas as pessoas como iguais. Somos muito mais parecidos com 'criminosos' do que imaginamos.
G. A possibilidade de entrar em contato com a realidade do cárcere e fazer parte do diálogo me possibilitou um crescimento pessoal infinito, e me fez pensar profundamente me todos os problemas que cerceiam a figura do cárcere. Espero que um dia encontremos uma solução melhor, visto que fica clara a necessidade de mudança.
H. O GDUCC me mostrou que todo o ser humano é reativo e crítico ao seu ambiente e sua condição, independentemente da educação e da instrução que recebeu.